

Veículo: *O Estado de S.Paulo* – coluna Espaço Aberto

Data: Novembro/2004.

A voz dos eleitores

Fernando Henrique Cardoso

Escrevo dos Estados Unidos. As urnas de Ohio ainda não estão totalmente apuradas. Mesmo assim a aura da vitória recobre as imagens de Bush na TV: leva dianteira de mais de três milhões de votos populares e, parece, terá vantagem no Colégio Eleitoral. As pessoas não habituadas com o sistema americano de voto se surpreendem que possa haver dúvidas quanto ao resultado do voto indireto quando houve claramente um ganhador na disputa popular.

Mas aqui é assim: o povo vota em “representantes” que expressarão mais tarde o significado do voto em um Colégio Eleitoral. A representação neste não é proporcional aos votos populares, pois os estados com pouca população tem assegurado um mínimo de representantes e os mais populosos têm um teto que limita seu número. Os grandes estados costumam ter uma tradição política definida. Uns são republicanos, como o Texas. Outros, democratas, como a Califórnia. O resultado é que a batalha eleitoral é travada em estados menores considerados “estratégicos”, ou seja, os que podem mudar de preferência política em comparação com a eleição anterior. Daí o enorme esforço para vencer em Ohio ou na Pensilvânia, ou mesmo em estados com menor número de votos, como o Novo México.

A democracia americana, sempre referida à Constituição e à vontade dos patriarcas, os *founding fathers*, é muito mais a expressão de um pacto entre os estados e suas oligarquias, do que de um pacto popular. Isso se mantém, em um jogo complexo no qual, a despeito de tudo, a opinião pública e, portanto, a mídia, exercem papel fundamental.

Esses fatores distorcem o jogo democrático. Mesmo assim, pelo menos nessa última campanha na qual houve grande mobilização e os debates galvanizaram a opinião, é inegável que o eleitorado americano fez uma escolha “consciente”, dentro dos limites

existentes nas sociedades de massa. A campanha foi claramente sobre quem teria maior capacidade de liderar um país em guerra. Os democratas não conseguiram sequer discutir a necessidade ou a validade da guerra para os objetivos da luta anti-terrorista. Kerry, aqui ou ali, afirmou que o inimigo era Bin Laden e não o Iraque. Mas timidamente, e sempre discutindo se Bush foi ou não previdente na preparação da guerra, se as tropas estão ou não bem equipadas e protegidas. Discutiu mais a eficiência da ação do que os valores envolvidos. Bush repetiu o tempo todo que ele usará todos os meios para garantir a segurança da América e dos americanos. Os problemas econômicos e sociais, por mais que Kerry insistisse neles, ficaram em segundo plano.

Mais uma vez se viu que eleições são o momento privilegiado da mensagem simbólica que os atores políticos elaboram e tentam passar para o eleitor. Bush apelou aos valores conservadores (aborto, homossexuais, limitação à pesquisa científica). E acrescentou uma tintura religiosa à campanha. Para um povo poderoso, mas com medo, nada melhor do que um líder inspirado na palavra divina e que a traduz, com o auxílio dos neo-conservadores, na doutrina da guerra preventiva e do destino manifesto dos EEUU para impor sua democracia ao mundo. Melhor atacar e destruir o “inimigo”, que supostamente está em toda parte, bombardeando maciçamente tudo que esteja perto dele, do que ser pego na tocaia. Enfim, segurança acima da lei. Foi essa a mensagem aprovada.

O país está dividido. Quase metade tem um ponto de vista radicalmente contrário ao dos vencedores. Só que não encontrou ainda quem expresse outra mensagem capaz de arrastar os indecisos. Até lá, o mundo que agüente as conseqüências da escolha do medo.

E das eleições no Brasil do último domingo, que lições extrair? Nesse caso o eleitorado não fez propriamente uma escolha nacional, mas emitiu sinais claros do que está sentindo. Analisando os dois turnos, (sobretudo o segundo turno porque nele aparece mais nitidamente a opinião das massas urbanas que tendem a apontar os caminhos do futuro) houve o fortalecimento de dois partidos, o PT e o PSDB. Mas os demais não desapareceram. Alguns, como o PDT, cuja orientação política é incerta, saíram fortalecidos. E o mesmo se diga do PPS e do PTB. E, olhando para o número e para a importância de algumas das prefeituras conquistadas, não se pode imaginar que o PMDB e o PFL sejam cartas fora do baralho. Longe disso.

Não obstante, o PSDB e o PT parecem mais aptos a dar a voz de comando ao jogo político. O êxito de cada um dependerá da capacidade que tenham de formular um rumo aceitável para o país e de encarnar um estilo político compatível com a mensagem. É inegável que o eleitorado acendeu luz amarela para o PT: tendeu a torná-lo depositário da confiança do povo das áreas menos desenvolvidas, mas não renovou a confiança nele em importantes áreas mais desenvolvidas, mesmo no caso de algumas que antes estavam sob seu controle. De São Paulo para o Sul, o PT terá ganho em não mais de meia dúzia de cidades médias ou grandes. De pouco vale dizer que ganhou nas periferias pobres das grandes cidades. A vitória não se deveu à “situação de classe” dos eleitores, pois perdeu nas regiões de eleitorado composto por trabalhadores, como São Bernardo, São José dos Campos, Sorocaba e na imensa maioria dos bairros de São Paulo. Nesta última cidade, ganhou nas urnas das áreas de migração recente, dos ainda não integrados à vida urbana.

Houve, portanto, uma diversificação no papel de liderança que esses dois partidos podem exercer na vida política nacional. O PSDB ficou mais forte nas áreas de população mais integrada social e culturalmente (ainda que pobres) e o PT representando os setores ansiosos por se integrarem. Digo isso, com algum exagero, sem esquecer que no Rio Grande do Sul, por exemplo, o PPS e o PMDB saíram mais fortalecidos e continuarão a desempenhar um papel progressista.

Houve também um rechaço à busca de uma hegemonia impossível de ser alcançada em sociedade tão fragmentada como a brasileira e aos impulsos autoritários, avessos à boa prática republicana. Sem esquecer dos aspectos simbólicos e comportamentais, como o excesso de riqueza das campanhas petistas e a arrogância de algumas de suas lideranças que não compõem com a imagem de simplicidade e austeridade que o partido tinha no passado. As condições econômicas que estão melhorando (colhendo os frutos da boa semente do passado e da correta jardinagem do presente) pesaram menos do que a mensagem política.

Resta ver agora, qual dos dois partidos será capaz de formar uma aliança genuína com os demais e de convencer a população de que é o mais capaz para alcançar os objetivos nacionais desejados pelo povo.